

Regionalismo e ideologia dividem

A escolha dos candidatos à Vice-Presidência tem, nos vários partidos, motivações e premissas variadas, com destaque para a preocupação com a composição dos interesses regionais e para a formação de chapas com um mínimo de ecletismo ideológico.

O critério regional explica, por exemplo, o cerco que a maioria dos candidatos à Presidência desenvolveu sobre o ex-governador Hélió Garcia, de Minas para que ele completasse suas chapas, e a opção de Fernando Collor de Mello pelo senador mineiro Itamar Franco.

O aspecto ideológico ficou bem caracterizado na opção da maioria do PMDB pela candidatura do progressista Waldir Pires e constitui o maior dilema dos "tucanos" em relação ao seu candidato à Vice-Presidência.

Os candidatos ao Planalto procuram vice em Minas porque esse é o segundo maior colégio eleitoral do País, com cerca de dez milhões de eleitores. Apesar disso, é possível que o Estado não venha a ter nenhum candidato à Presidência, se o ex-ministro Aureliano Chaves não passar nas prévias do PFL. Esta situação contrasta com a pluralidade de candidatura em São Paulo — Ulysses Guimarães (PMDB), Paulo Maluf (PDS), Guilherme Afif (PL), Mário Covas (PSDB), Lula (PT) e Jânio Quadros (PSD).

Equilíbrio

Além da exploração do bairrismo, muitas lideranças políticas sobretudo as conservadoras — entendem que a presença de Minas no poder central é um indispensável fator de equilíbrio político. Daí a necessidade de alimentar-se, ali, a possibilidade de eleição pelo menos do vice-presidente, (nos governos militares, três vice-presidentes foram de Minas — José Maria Alkmin, Pedro Aleixo e Nereu Ramos. Na Velha República, a própria Presidência era revezada entre mineiros e paulistas, na chamada política "café-com-leite". A Nova República foi uma tentativa — frustrada com a morte de Tancredo Neves de restauração da hegemonia, e não de Minas, ao menos do habilidoso e conciliador padrão político mineiro).

Quanto ao grande interesse existente em relação a Hélió Garcia, isso pode ser explicado pelo fato de se tratar de um ex-governador, como tal conhecido em todo o Estado e que, apesar de certas limitações, encarna os valores de Minas.

Na realidade, os adversários vêem Hélió Garcia como um político ao estilo antigo, sem idéias, mas que conseguiu prestígio no Estado ao completar o mandato de governador, para o qual Tancredo Neves foi eleito em 1982. Vice de Tancredo, Hélió Garcia assumiu o governo mineiro em dezembro, de 1984, encontrando as finanças do Estado saneadas, o que lhe permitiu realizar muitas obras — pequenas e médias — em diferentes pontos do Estado.

Garcia foi convidado ou recebeu sondagens de Leonel Brizola, Mário Covas, Fernando Collor e Jânio Quadros.

Dois gumes

A ênfase ao fator ideológico pode ser uma faca de dois gumes — especialmente quando esse fator é confundido com mero oportunismo eleitoral. É o caso, por exemplo, do PMDB, que, depois de sustentar o Governo durante quase quatro anos, procura agora descaracterizar essa marca governista, alijando da sua campanha os parlamentares identificados com a administração federal e optando por um vice hostil e hostilizado pelo Palácio do Planalto — Waldir Pires.

Com isso, o candidato à Presidência, Ulysses Guimarães, que apresenta os maiores índices de rejeições e baixos níveis de preferência, pode acrescentar alguns pontos junto a forças de centro-esquerda, mas perde igualmente o apoio de áreas conversadoras.

No PSDB, a esquerda reage à indicação de Camilo Calazans, por considerá-lo comprometido com os governos militares, aos quais serviu em diferentes cargos. Cogitada pelos seus correligionários progressistas, a deputada Cristina Tavares reconhece que enfrentaria resistências na parcela mais conservadora do partido e por isso indica o nome do senador alagoano Teotônio Vilela, cujo pai, falecido em 1983, foi um dos maiores líderes da luta pela redemocratização.

Encruzilhada

O Partido dos Trabalhadores, que já exerce certo fascínio em setores intelectuais está numa encruzilhada algo surrealista: ou fica com o escritor "verde" Fernando Gabeira, um dos "gurus" da política do corpo do final dos 70, ou com a candidatura do refinado filólogo e gourmet Antônio Houaiss, membro da Academia Brasileira de Letras e grande conhecedor da melhor cozinha e das melhores bebidas.

Em relação a Gabeira existe certa resistência no PT do Rio de Janeiro, que teme a possibilidade de o escritor aumentar, com a candidatura à vice-presidência, seu caudex para disputar o Governo do Rio de Janeiro, em 1990, pelo PV. O candidato do PT à sucessão de Moreira Franco é o engenheiro Jorge Bittar, que na última eleição municipal teve uma surpreendente votação, totalizando cerca de 600 mil votos. (M. S.)

Arquivo 30.8.85



Garcia desperta interesse de Jânio, Collor, Covas e até Brizola